



GT – “04”: “Cidades médias e reestruturação urbana: tendências empíricas e desafios teóricos”

REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA E URBANA EM RESENDE-RJ: Análise da fragmentação socioespacial de uma cidade policêntrica.

Marina de Moraes Marques
Estudante de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro
marinademoraesmarques@gmail.com

Guilherme Borges Souza Costa
Estudante de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro
guilhermeborgs17@gmail.com

João Pedro de Oliveira Guedes das Chagas
Estudante de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro
ojoaopedro0812@gmail.com

RESUMO: Este texto tem como intuito entender as transformações produtivas, a partir da década de 1990, que ocorreram no Vale do Paraíba Fluminense e em que medida a instalação de um polo automobilístico na região provocou a reestruturação urbana de Resende. Partindo da compreensão dessa região como um contraponto à economia do estado do Rio de Janeiro, entendemos que o seu crescimento econômico provocou processos socioespaciais mais complexos. Portanto, apontamos que as necessidades produtivas das montadoras mobilizaram novos espaços e relações, formando uma cidade policêntrica com um processo de fragmentação socioespacial em curso.

Palavras-chave: Resende; Indústria Automobilística; Segregação Espacial.

1. INTRODUÇÃO

Entendemos que as transformações evidenciadas em um espaço são compreendidas a partir das abordagens conceituais moldadas pelas reflexões geográficas trabalhadas no âmago de cada espacialidade. Através destes diversos processos, compreendemos pelo viés geográfico, o papel das diferentes esferas que existem dentro da Geografia, estruturadas e reestruturadas ao longo do tempo, em constante atualização como essência do pensamento geográfico.

A reestruturação se ambienta neste meio, dentre suas inúmeras implicações, como a produtiva e a urbana, compreendemos este conceito como um processo que reorganiza as fórmulas, métodos e processos, utilizando como base estruturas passadas em busca da inovação e a criação de algo novo.

O município de Resende é um dos palcos deste pensamento, sendo parte do Vale do Paraíba fluminense, a cidade se estruturou e reestruturou produtivamente para se ambientar aos diversos contextos em que a região estava inserida, constantemente alterando as relações produtivas e espaciais, revelando inúmeras particularidades que atravessam as fronteiras entre a indústria e a formação urbana.

Nesse sentido, o artigo tem como objetivo entender de que maneira a reestruturação produtiva do Vale do Paraíba Fluminense condiciona a reestruturação urbana de Resende. Entendemos que, com a chegada das montadoras, a exemplo da Volkswagen e Nissan, o município passa por uma transformação espacial que o constitui como uma cidade policêntrica. A partir dos novos centros, temos um aprofundamento das relações socioespaciais, cujo resultados são a segregação e fragmentação da cidade.

Para compreender este objetivo realizamos um levantamento bibliográfico acerca de textos que compreendam a dinâmica produtiva e a sua reestruturação, no Vale do Paraíba Fluminense. Esse momento da pesquisa consistiu em buscar bibliografias que nos ajudem a entender a dinâmica operante na região e como a chega do capital estrangeiro influenciou vertiginosa transformação nesta área.

Em seguida, ainda em levantamento bibliográfico, exploramos leituras que nos oriente na compreensão do histórico de ocupação do município de Resende. Esse momento da pesquisa consistiu em entender como se deu a ocupação anterior a reestruturação urbana que estamos investigando.

Para além desta introdução e das considerações finais, este artigo está dividido em três partes. A primeira, intitulada de “Reestruturação produtiva: Uma abordagem a partir do vale do paraíba”, buscamos entender o conceito de reestruturação a partir do Vale do Paraíba Fluminense.

Em seguida, na segunda parte do artigo, chamada de “Resende: Questões produtivas, sociais e econômicas”, visamos compreender o histórico de ocupação do município e como a chegada do capital estrangeiro, com o consórcio modular da Volkswagen, provoca profundas transformações produtivas e urbanas em Resende.

Por fim, na última sessão do texto, chamada “Reestruturação Urbana: Policentralidade e fragmentação socioespacial em Resende-RJ”, buscamos evidenciar em que medida a chegada do capital estrangeiro em Resende, com a Nissan e a Volkswagen, provoca profundas transformações socioespaciais, que resulta em um município policêntrico com forte auto-segregação.

2. REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA: UMA ABORDAGEM A PARTIR DO VALE DO PARAÍBA

Começaremos este debate pelo entendimento da palavra reestruturação, se seguirmos pela etimologia reestruturar + ação, entendemos que a palavra se trata de um substantivo que denomina um processo, sendo este o de reestruturar, estruturar novamente ou de começar uma nova estrutura. Estes diferentes significados apontam que a reestruturação não é apenas um método que separa abruptamente fenômenos para se criar algo novo, mas que se trata de um conceito que pode ser usado de múltiplas maneiras. Nesta pesquisa buscamos visualizar a reestruturação a partir do processo de reorganização de um meio, entendendo que as funcionalidades de um conceito podem ser (re)atualizadas com a mudança dos paradigmas nas diversas esferas em que a palavra pode ser trabalhada, e principalmente, quando pensamos na reestruturação no campo da produção.

No decorrer histórico da industrialização, compreendemos o importante papel da indústria na constante busca pela inovação dos meios de produção, transformando-os para se adequar aos contextos em que estavam inseridos. Após a crise dos modelos fordistas e tayloristas, se fez necessário a reconfiguração destes modelos, sendo imprescindível a mudança nas formas de se produzir. A reestruturação produtiva é o processo base disto, uma reformulação dos meios de produção dentro do contexto da crise capitalista, ou em outras

palavras, é o processo que ocorre a partir da mudança nos modelos de produção, sendo o momento da substituição entre os paradigmas fordistas/tayloristas pelo método de acumulação flexível. Entretanto, quando analisamos esta reforma, trabalhamos com a ideia de que a reestruturação não abdicou completamente dos ideais presentes nas outras formas de produção, pelo contrário, a reorganização das formas de trabalho e produção teve como pilar as estruturas prévias. Para endossar/embasar este debate, faremos uso das palavras de Lencioni (1997) sobre o papel das estruturas e a reestruturação:

“As estruturas, nem são fixas e nem estáveis. Elas tem um equilíbrio provisório e quando esse equilíbrio intermitente é abalado pode ocorrer uma desestruturação-reestruturação, que se gesta no seio da própria estrutura, pois esta tem uma dinâmica que não só a constitui, mas que, também, busca romper os equilíbrios provisórios. Portanto, estruturação-desestruturação-reestruturação se constituem num único movimento.” (p. 4).

Esta compreensão do papel da reestruturação é a cerne desta seção, através deste viés este estudo visa captar as nuances que constroem a dinâmica entre as relações produtivas e espaciais que ocorrem no Vale Paraíba fluminense.

A região do Vale do Paraíba fluminense é formada por 9 municípios (Barra Mansa, Itatiaia, Pinheiral, Piraí, Porto Real, Quatis, Resende, Rio Claro e Volta Redonda) e está localizada ao sul do estado do Rio de Janeiro. Esta região é cortada pela Estrada de Ferro e pela rodovia Presidente Dutra, possuindo uma localização estratégica em relação aos dois grandes mercados consumidores brasileiros: Rio de Janeiro e São Paulo.

O Vale do Paraíba fluminense é uma região que possui um dinamismo econômico voltado para a produção industrial que se difere do que é encontrado em outras partes do estado. Esta região demonstra uma verdadeira contradição em relação ao decréscimo evidenciado pela indústria de transformação no estado do Rio de Janeiro ao longo das últimas décadas, a região apresenta um crescimento contínuo atrelado às inovações produtivas e aos novos produtos, fortemente ligados ao setor automobilístico e de transformação.

O entendimento a respeito da história econômica do Vale do Paraíba fluminense demonstra a notável construção desta região como um dos polos industriais mais importantes do Rio de Janeiro. Assim, começaremos pelo histórico de fases econômicas que a região atravessou ao longo dos anos, como o ciclo cafeeiro no século XIX, a mudança para a pecuária leiteira e a transição com o início da etapa industrial, no decorrer de 1930-1940 (Bentes, 2017). Com a introdução da CSN na região em 1940, houve um processo de industrialização tipicamente fordista que se tornou a gênese introdutória do movimento produtivo no Vale do

Paraíba fluminense. Este processo de industrialização levou a região a diversas mudanças que alteraram inúmeros aspectos, como o crescimento da população e as transformações na paisagem, além disto, a CSN influenciou o desenvolvimento da região a partir dos planos de produção formulados pela empresa, incentivando a abertura de uma base de indústrias que impulsionaram a economia da região.

A situação se alterou com a privatização da CSN na década de 1990, este foi o ponto em que a indústria reestruturou os meios produtivos e consequentemente alterou as estruturas organizacionais relacionadas à força de trabalho. Devido a estas modificações, a configuração moldada através dos planos produtivos que vieram a desenvolver a região entraram em colapso e diversas empresas fecharam as portas.

Durante o final da década passada e o início dos anos 2000, a região voltou a receber investimentos que impulsionaram o levante do Vale do Paraíba fluminense, demonstrando o potencial do perfil industrial presente na região. Seguindo o pensamento proposto por Bentes (2017), este novo processo de industrialização do Vale do Paraíba fluminense, que ocorre a partir destes investimentos produtivos e a chegada de novas empresas seria considerado uma “reindustrialização”, entretanto, a partir da premissa trabalhada nesta seção acerca do significado da palavra reestruturação, este estudo se assenta na ideia de um novo processo de reestruturação na região, que é evidenciado por Tunes (2019).

Este processo tem como ponto de partida a chegada das indústrias automobilísticas na região do Vale do Paraíba fluminense, com a Volkswagen no município de Resende sendo a pioneira nesse movimento, adentrando a região em 1996. Outras indústrias se assentaram nos em diferentes municípios da região como Porto Real e Itatiaia. A importância da presença destas indústrias é apontada por Bentes (2017), ao indicar que:

“No ambiente econômico e político altamente competitivo da época, a instalação da Volkswagen em Resende foi um marco importante para a recuperação industrial do Vale do Paraíba fluminense, o que possibilitou, a reinserção da microrregião no movimento econômico e produtivo do país.”

3. RESENDE: QUESTÕES PRODUTIVAS, ECONÔMICAS E SOCIAIS

A cidade de Resende, localizada ao sul do Estado do Rio de Janeiro, na região do Médio Vale Paraíba Fluminense, é reconhecida como uma das mais industrializadas do país, especialmente em relação à indústria automobilística. Essa centralidade industrial, de acordo com Bentes (2017), começou a ser delineada a partir da década de 1970 com a reestruturação

produtiva, associada ao período pós-fordista, redefinindo a organização espaço-temporal do trabalho e refletindo espacialmente em algumas cidades. Assim, Resende teve uma reconfiguração na sua dinâmica econômica devido à chegada e estabelecimento de indústrias, algumas delas multinacionais, a exemplo da Volkswagen. Com isso, grande parte da estrutura produtiva foi modificada, e por consequência, sua configuração social e urbana acompanhou a mudança.

Para além do tema da reestruturação produtiva, é relevante destacar que, a região do Médio Vale do Paraíba do Sul já detinha certa centralidade econômica devido à economia cafeeira, que teve seu auge entre o final do século XIX e o início do século XX. Durante esse período, a produção de café beneficiou significativamente a região, impulsionando o desenvolvimento econômico e fomentando atividades extrativistas complementares à economia local. A riqueza gerada pela economia cafeeira contribuiu para o crescimento urbano, com a construção de grandes fazendas e o estabelecimento de uma classe social próspera. Contudo, com a crise do café e a subsequente diversificação econômica, a região enfrentou desafios que exigiram novas estratégias de desenvolvimento. A chegada da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) e a criação da Rodovia Presidente Dutra, inaugurada em 1951, associadas a uma infraestrutura já estabelecida durante essa era do café, juntamente com a localização estratégica da região, culminaram no início da industrialização em Resende, marcando uma nova fase no desenvolvimento da cidade.

Através de incentivos à industrialização por políticas governamentais, a instalação de grandes indústrias, especialmente no setor automobilístico, e a atração de empresas multinacionais transformaram o perfil econômico e urbano de Resende. A partir da década de 1970, essa expansão industrial atraiu uma crescente migração de trabalhadores para a cidade, resultando em um aumento populacional ao longo das décadas seguintes:

Tabela 1: População de Resende.

ANO	NÚMERO DE HABITANTES
1991	95.000
2000	107.000
2010	119.000
2020	133.000

Fonte: IBGE; Organização: Os autores.

Esse crescimento foi impulsionado pelas oportunidades de emprego geradas pela industrialização, criando uma demanda crescente por serviços, comércio e infraestrutura urbana para sustentar a população em expansão. No entanto, o rápido desenvolvimento industrial e urbano também trouxe desafios ambientais e sociais, como poluição e congestionamento urbano, exigindo a implementação de políticas públicas voltadas para o desenvolvimento sustentável e a melhoria da qualidade de vida dos moradores (Oliveira, 2018).

Tendo como objeto de estudo Resende e sua reestruturação produtiva, é preciso debater sobre o destaque de uma empresa instalada na cidade não apenas por sua capacidade produtiva, mas também pela complexidade introduzida em seu processo de fabricação. O consórcio modular da Volkswagen Caminhões e Ônibus iniciou suas operações em 1996. A principal motivação para sua instalação na região foi o fim da Autolatina, uma fusão com a Ford causada pela conjuntura desafiadora enfrentada pela indústria automobilística brasileira na década de 1980, marcada pela retração do mercado interno. Com o término da Autolatina, a Volkswagen viu-se desprovida de uma fábrica de caminhões e ônibus, o que impulsionou a decisão de estabelecer uma nova unidade fabril. Esse novo modelo de produção caracteriza-se pela delegação a um grupo de fornecedores da responsabilidade pelo fornecimento e montagem de todos os componentes relacionados aos veículos, além de sua contribuição para a implementação da nova fábrica.

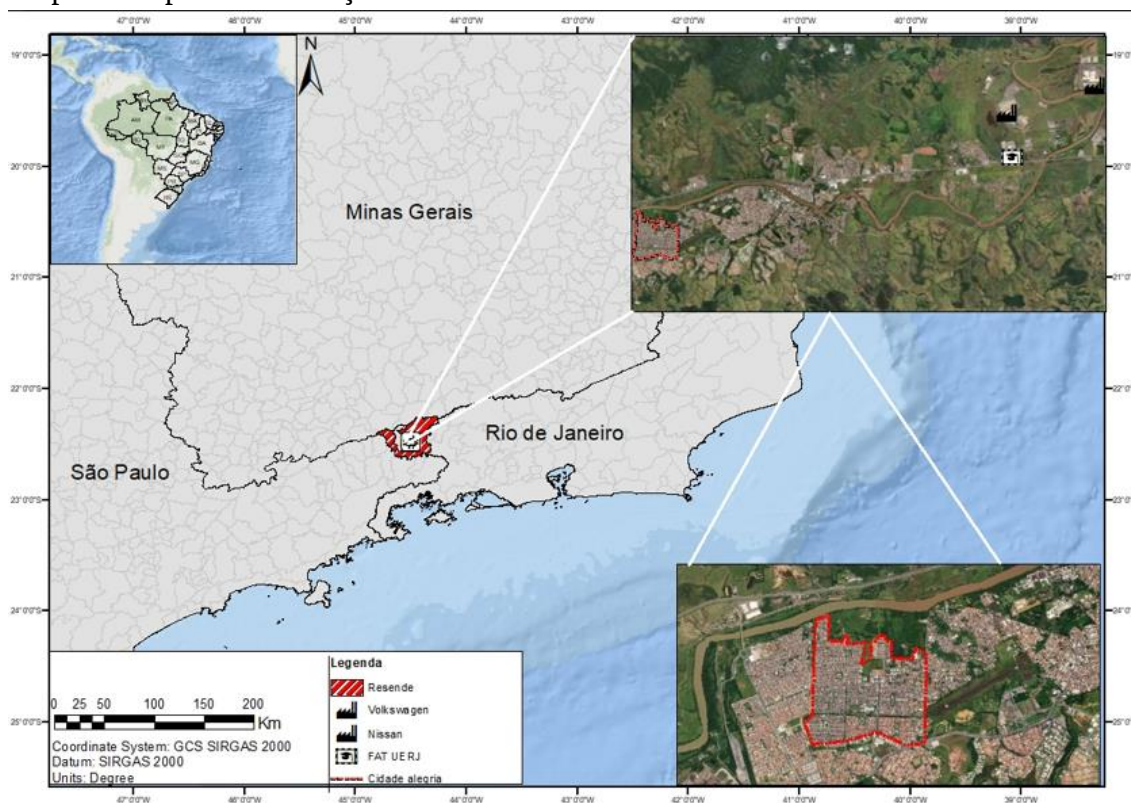
Atualmente, o consórcio modular da Volkswagen em Resende conta com várias empresas que participam do processo de montagem dos veículos, dividindo a linha de produção. Essas empresas e seus respectivos módulos são os seguintes: MAN, responsável pela montagem de caminhões e chassis; Aethra, encarregada da fabricação de cabines; Maxion, produção de

eixos; Remon, gestão de logística interna e transporte; LogiMaster, coordenação da cadeia de suprimentos; Carese, manutenção e assistência técnica.

Essa disposição no chão de fábrica significa uma inovação organizacional, isto é, uma estratégia de desenvolvimento e acumulação de capital que visa a adaptação do processo de produção a fim de diminuir os custos de produção (Tunes, 2019). Dessa forma, cada empresa é responsável por uma parte específica do processo de fabricação, contribuindo para a montagem dos veículos diretamente na planta da Volkswagen. Essa divisão de responsabilidades é uma característica central do modelo de consórcio modular, que busca eficiência na produção e redução de custos operacionais,

No entanto, essa dinâmica de produção, quando vista do ponto de vista dos trabalhadores, revela-se prejudicial, pois os funcionários não possuem vínculo direto com a Volkswagen, mas sim com empresas terceirizadas que atuam dentro do consórcio modular. Isso interfere em questões trabalhistas, como a falta de estabilidade e segurança no emprego, uma vez que os trabalhadores podem ser facilmente substituídos conforme as necessidades dos fornecedores. Além disso, essa estrutura limita o acesso a benefícios e direitos trabalhistas que seriam mais facilmente garantidos se houvesse uma relação direta com a montadora. Para além dessa problemática que caracteriza uma precarização do trabalho, há um processo de segregação espacial dos trabalhadores, que, em sua maioria, residem em áreas com menos infraestrutura e serviços, refletindo a desigualdade socioeconômica exacerbada por essa forma de contratação.

Mapa 1: Mapa de localização de Resende



Fonte: IBGE; Organização: Os autores.

No mapa acima, é possível observar a localização de Resende no Vale Paraíba Fluminense, ao sul do Estado do Rio de Janeiro. Na imagem do canto superior direito, podemos ver dois ícones representando uma fábrica, indicando a localização da Volkswagen e da Nissan. Ainda nesta imagem, destacado em vermelho, está o bairro Cidade Alegria, bairro onde a maioria dos trabalhadores da Volkswagen residem. No canto inferior direito, está a aproximação de Cidade Alegria, em que é possível observar uma densa mancha urbana. A partir da análise do mapa, podemos ver como as indústrias se localizam distante não só do núcleo urbano, mas também do local de residências dos trabalhadores.

4. REESTRUTURAÇÃO URBANA: POLICENTRALIDADE E FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL EM RESENDE-RJ.

Em vista das transformações produtivas ocorridas a partir da década de 1990 no Vale do Paraíba Fluminense, esta seção do artigo tem como intuito relacioná-las com as transformações espaciais, nos anos 2000, em Resende. Essa conexão mostra como a dinâmica urbana de Resende mudou, tornando-se uma cidade policêntrica, a qual amplia sua complexidade e atrai novos investimentos seguindo a lógica do capital.

Segundo Ribeiro e Melara (2018), um dos fatores principais para a reestruturação das cidades médias em uma escala urbana nacional é a sua posição intraurbana. Isto é, as cidades médias possuem uma aproximação tanto com as áreas rurais, quanto com as metrópoles, o que as atribui uma posição de mediação urbana e um consequente alcance regional que são fundamentais para a rede urbana em relação à economia do país. Neste caso do estudo sobre Resende, estudamos como a reestruturação produtiva advinda da crise do fordismo tornou essa cidade atrativa para o capital estrangeiro e como esse desenvolvimento econômico mobilizou novos espaços e novas relações.

Nossa discussão permeia entender as reestruturações da indústria e da cidade de maneira intrínseca. A esse respeito, Tunes (2019) diz:

Transformações tão significativas na produção [...] possuem imbricações espaciais. Não aqui no sentido de impactos espaciais, como se o espaço fosse um dado natural e apenas receptáculo da dinâmica social, mas sim no sentido do espaço como produto, meio e condição das relações sociais e que, portanto, será transformado no movimento da sociedade. (p.31)

A partir da perspectiva das cidades médias como local atrativo para investimentos, especialmente de Resende, cuja posição estratégica entre os dois maiores mercados de consumidores (as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro) é um dos fatores, analisamos a atuação de agentes econômicos, do setor imobiliário e dos grandes empreendimentos. Buscamos entender de que maneira esses novos investimentos provocaram processos socioespaciais mais complexos, como a fragmentação da cidade e a autoss segregação, este último sendo uma das dimensões do primeiro de acordo com Sposito e Sposito (2018).

Com o intuito de compreender a nova conjuntura espacial de Resende, conceitualizamos os fenômenos socioespaciais da cidade em análise a partir da perspectiva de Sposito e Sposito (2020) sobre a fragmentação socioespacial. Para os autores, essa é uma ferramenta usada para

explicar mudanças nas formas de estruturação espacial das cidades para além do urbano, na qual são considerados parâmetros sociais, econômicos e políticos. Nesse sentido, Sposito e Sposito (2020) destacam que “[...] a fragmentação socioespacial é pautada no acesso desigual dos diferentes segmentos sociais aos serviços e espaços urbanos, bem como nas relações de protagonismo e distribuição de poder na condução dos rumos das cidades.” (p.6).

Outro elemento necessário para entender a reestruturação espacial de Resende é a sua policentralidade, que conforme Ribeiro e Melara (2018), não somente é a formação de novas áreas centrais, mas também é a “diversificação e multiplicação dos espaços de consumo, novas práticas e percursos urbanos [...] as quais geram segmentações de outras ordens que incluem todas as esferas da vida urbana” (p.6). Os autores também apontam para a autosegregação e segregação espacial, conceitos que afirmam o uso do espaço fragmentado, uma vez que as práticas socioespaciais passam a ser realizadas em espaços privados, apesar de contemplarem o espaço público, em detrimento do convívio coletivo. Dessa forma, é a partir dos shoppings centers, condomínios fechados e das novas centralidades, que essa análise busca entender as relações e práticas socioespaciais que estão sendo construídas nessa cidade policêntrica, devido ao novo modo de produção, cuja uma das consequências foi a reorganização do espaço urbano de Resende.

Um elemento que contempla e produz a policentralidade das cidades médias é a instalação dos shoppings centers. Esse equipamento urbano possui uma importante função na estruturação e produção do espaço urbano (Ribeiro, 2022), uma vez que nele não só há a concentração de atividades de consumo e lazer, como também provoca o investimento de outros empreendimentos, a exemplo do setor imobiliário, isso acontece justamente devido ao aumento do fluxo e mobilidade das pessoas com a oferta de serviços e comércio dos shoppings. Para além desse aspecto socioeconômico, a instalação de um shopping center em uma cidade média, quando próximos às rodovias, altera a dinâmica local e regional pois se contrapõem ao centro, indicando um novo fluxo urbano.

Resende conta com dois shopping centers, sendo o primeiro instalado em 1985, o Shopping Resende, localizado na área central da cidade e reforçando a organização urbana centro-periferia. Em 2010, o Pátio Mix foi implantado na BR 101 - Rodovia Presidente Dutra. Um ano depois, em 2011, outros empreendimentos se juntam a este shopping center, o mercado atacadista Spani e o Shopping Resende Graal. Eles estão na parte nordeste da cidade e se concentram em um espaço estratégico. Ou seja, estes grandes empreendimentos estão próximos

ao polo automobilístico, a outros bairros distantes da área central e a uma rodovia, com isso, eles têm um alcance local e regional que os favorecem quanto à circulação de pessoas e mercadorias.

Outro agente econômico importante no processo de reestruturação da cidade é o setor imobiliário, que conforme Tunes (2019) é:

[...] uma das frações que possui a maior potência de transformação do espaço. Isso porque produz espaço do ponto de vista strictu. É também, em certa medida, a fração do capital que mais claramente evidencia em uma cidade que há um movimento de ascensão econômica com poder de transformação significativa do urbano. (p.31).

No caso de Resende, o equipamento urbano que merece destaque para esta análise são os condomínios fechados e loteamentos. De acordo com Ribeiro (2022), os espaços residenciais fechados “são formas urbanas que favorecem os processos de autoss segregação urbana e de novas centralidades e têm proporcionado uma tendência à fragmentação socioespacial” (Ribeiro, 2022, p.128). À vista disso, apesar da reestruturação produtiva de Resende e de seu crescimento econômico, a cidade se reestrutura espacialmente de forma desigual pautada em uma segregação espacial e autoss segregação em condomínios fechados.

Esses empreendimentos imobiliários tiveram início a partir de 1990 nas cidades médias, porém foi nos anos 2000 que as construções aumentaram em Resende. Além da parte nordeste da cidade, em que os grandes empreendimentos de shoppings centers e hipermercados estão localizados, o sudoeste de Resende também se enquadra como um eixo de valorização e investimento.

A explicação para isso é a presença de condomínios fechados, como o Condomínio Residencial Morada das Agulhas, o qual foi construído em 1990; o Loteamento Alphaville Resende 1 e 2, em 2011 e 2012 respectivamente; Loteamento Bosque da Limeira, em 2014; e Casa da Lua campestre, em 2015. A partir de entrevistas realizadas por Ribeiro e Melara (2018), foi analisado que a média salarial dos moradores desses espaços fechados e controlados é acima de R\$5 mil e que o apelo por segurança, homogeneidade e exclusividade social são as principais justificativas para morar nesses condomínios. Essa necessidade de proteção, por sua vez, é criada pela classe dominante para atender os interesses do capital imobiliário, dando materialidade ao que é chamado de insegurança urbana, conforme Ribeiro (2022) explica:

Há uma sensação de insegurança urbana, que faz parte de um fenômeno de ‘medo’ generalizado no mundo, porém, com grande destaque para as grandes cidades dos países periféricos e semiperiféricos, como o Brasil, devido à problemática da violência e da

criminalidade. Muitas vezes, essa sensação de insegurança pode estar relacionada com o aumento dos índices criminais; no entanto, em muitos momentos é criada uma sensação de medo com objetivos mercadológicos. A mídia e a agentes imobiliários acabam por lucrar com a venda de ‘violência e do medo’.(p.131).

Ainda sobre as entrevistas realizadas por Ribeiro e Melara (2018), foi constatado que os moradores têm suas práticas socioespaciais em espaços fechados. Isto é, os shoppings centers e, agora não só a moradia em espaços fechados, mas também o lazer oferecido dentro desses condomínios são as principais escolhas de uma parte da população, cuja renda é mais alta, para as suas atividades da vida urbana. A análise de Ribeiro e Melara (2018) aponta que esses empreendimentos repercutem uma desigualdade social na produção desta cidade policêntrica. Por conta da menor convivência coletiva desses novos espaços, a exclusividade de certa camada da população em segmentos urbanos é garantida, dessa forma, o processo de autosegregação é evidente e a fragmentação socioespacial se constitui cada vez mais. Os autores também analisam como esses empreendimentos estão conectados enquanto investimentos e como em conjunto aprofundam esses processos socioespaciais:

São empreendimentos de uso coletivo, comerciais e residenciais, que favorecem dialeticamente esses processos, ou seja, a construção de conjuntos habitacionais para classe média-alta atrai investimentos em outros âmbitos da economia, assim como o investimento na área comercial e de serviços, como, por exemplo, a construção de shopping centers também atrai investimentos na área imobiliária residencial, favorecendo processos de autosegregação e fragmentação urbana. (p.7)

Além desses empreendimentos e dos fluxos de pessoas, serviço e comércio proporcionados por eles, os quais comprovam uma nova centralidade, Resende observou o crescimento de um bairro da parte sudoeste, próximo à Dutra, afastado do polo automobilístico e do centro de Campos Elíseos. Cidade Alegria, conforme propõe Bastos (2017), é um subcentro de Resende e um dos mais importantes bairros da cidade. As atividades econômicas, especialmente de comércio, são expressivas, bem como o número da população, que em 2010 detinha 10% da população total da cidade. Os dados obtidos através de pesquisa de campo por Bastos (2017), mostram que, em 2013, o bairro possuía 139 estabelecimentos comerciais e de serviços, e que estes atendiam tanto os moradores, como também eram frequentados por pessoas de outros bairros. Essa concentração de atividades econômicas e a abrangência espacial indicam que há uma centralidade nesta parte de Resende.

Por outro lado, nas pesquisas de Melara (2017), mais um aspecto de Cidade Alegria é analisado, dessa vez são os crimes e a violência relacionados ao tráfico de drogas. Este bairro é apontado como destaque quanto ao índice desse tipo de crime, ao lado de Vila Itaipuca e Paraíso (Melara, 2016). É importante destacar que são áreas periféricas e habitadas pela camada populacional com renda mais baixa, ou seja, as condições econômicas aqui estabelecem uma desigualdade social e aprofundam o processo de fragmentação socioespacial. Nas entrevistas realizadas pela autora, tanto os moradores dos condomínios fechados, quanto os residentes desses bairros falam sobre a territorialização do tráfico nessas áreas. No entanto, por parte dos não residentes e autoridades policiais, o bairro é caracterizado como violento e perigoso, enquanto os moradores relatam as ações das facções criminosas, porém afirmam que a violência se dá entre os traficantes, que não os impedem de seguir com o cotidiano. Portanto, “podemos analisar essa questão por dois vieses: por um lado, a ocorrência desses crimes é inferior a gravidade dada pela mídia, ou por outro, que as pessoas já estariam ‘acostumadas’ em viver com essa realidade criminal.” (Melara, 2017, p.71). Dessa forma, a insegurança urbana da elite de Resende é reforçada e a autosegregação nos espaços controlados ganha força.

Um aspecto que complementa a realidade de Cidade Alegria enquanto subcentro e elemento da fragmentação da cidade é a sua condição de bairro operário. Com dados obtidos de Gonçalves e Pinheiro (2022), é possível apontar que a maior parte dos trabalhadores das montadoras do polo automobilístico, especialmente a Volkswagen, residem nesse bairro. Outro ponto importante dessa pesquisa é que a maioria desses trabalhadores recebem até R\$2 mil, caracterizando esse bairro não só como operário, mas também como de classe média baixa. Vila Itaipuca, que foi apontado por Melara (2016) com índice alto de criminalidade, também entra nessa pesquisa com as características de Cidade Alegria. Além disso, os trabalhadores com salários acima de R\$5 mil residem em lugares como Campos Elíseos, na área central da cidade, Morada das Agulhas e Morada da Colina. Portanto, é evidente que há uma segregação dos trabalhadores com maiores e menores condições financeiras, que aliada à insegurança urbana e à autosegregação aprofundam o processo da fragmentação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reestruturação produtiva de Resende, através do polo automobilístico, atraiu novos investimentos, desenvolveu a infraestrutura da cidade e aumentou as atividades econômicas, de comércio e serviços. Em contrapartida, também impulsionou processos socioespaciais que se aproximam daqueles que acontecem nas grandes cidades. Sendo, então, a autosegregação em condomínios fechados, cujo incentivo é dado pela insegurança urbana enquanto recurso do setor imobiliário. E também a fragmentação da cidade orientada pelas práticas socioespaciais em espaços controlados e pela segregação espacial entre as camadas populacionais com maior e menor renda.

Com o crescimento econômico, a cidade se reestruturou de maneira que novas centralidades foram tomando forma. A policentralidade pode ser evidenciada pelo eixo de valorização imobiliária na parte sudoeste, onde estão os condomínios residenciais; pela presença de grandes empreendimentos na parte nordeste e próximos à BR-116, onde os shoppings centers e o hipermercado estão; e pelo bairro Cidade Alegria, onde a maioria dos trabalhadores das montadoras residem, como também devido às atividades comerciais presentes. Em linhas gerais, Resende aumentou sua complexidade no que diz respeito à economia, ao espaço e a sua população a partir da chegada das montadoras. A análise do aprofundamento das relações socioespaciais evidencia que a cidade policêntrica está sendo formada prevalecendo o interesse de agentes econômicos, como o setor imobiliário, os grandes empreendimentos e, principalmente, do capital estrangeiro.

6. REFERÊNCIAS

BASTOS, Monique Deise Guimarães. Análise de uma Cidade Policêntrica: o Caso de Resende (RJ), no Médio Vale do Paraíba . Espaço Aberto, PPGG - UFRJ, Rio de Janeiro, V. 7, N.2, p. 99-115, 2017

BENTES, J. C. G. Reestruturação Produtiva e Espacial da Microrregião do Vale do Paraíba Fluminense: Reflexões sobre as Transformações Iniciadas com a Implantação de Atividades e Formas Urbanas Dispersas. Espaço Aberto, PPGG - UFRJ, Rio de Janeiro, V. 7, N.2, p. 117-135, 2017

GONÇALVES, Ana Paula Vasconcelos; PINHEIRO, Mayra Luiza. Onde Vivem os Trabalhadores do Polo Automotivo? Moradia e Transformações Urbanas no Sul do Estado do Rio de Janeiro. Trabalho e mudança social: efeitos da indústria automotiva no Rio de Janeiro / Organizadores: José Ricardo Ramalho, Rodrigo Salles Pereira dos Santos. – São Paulo: Annablume, 2022. p. 409-435

LENCIONI, Sandra. Reestruturação: uma noção fundamental para o estudo das transformações e dinâmicas metropolitanas. 1997, Anais.. Buenos Aires: Facultad de Filosofia y Letras/Universidad de Buenos Aires, 1997. . Acesso em: 04 ago. 2024.

MELARA Eliane. “Fortified Cell” e “Dangerous Places”: Processos de Fragmentação do Tecido Sociopolítico-Espacial em Cidades Médias – Resende e Volta Redonda-RJ. Espaço Aberto, PPGG - UFRJ, Rio de Janeiro, V. 7, N.2, p. 57-77, 2017

MELARA, Eliane; RIBEIRO, William. Elementos para refletir sobre a policentralidade e a fragmentação urbana em cidades médias – Resende e Volta Redonda (RJ). Confins. 2018.

MELARA, E. Espaços fechados e insegurança urbana: loteamentos e condomínios em Resende e Volta Redonda (RJ). Rio de Janeiro, 2016. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, 2016.

OLIVEIRA, Floriano José Godinho de. Reestruturação produtiva: território e poder no Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Garamond, 2008.

RAMALHO, José Ricardo; SANTANA, Marco Aurélio. Trabalho e Desenvolvimento Regional: efeitos sociais da indústria automobilística do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Mauad: UFRJ - PPGSA; Brasília, DF. CAPES, 2006

RIBEIRO, William; SCHOR, Tatiana. Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional: Resende e Parintins. Rio de Janeiro. Consequência Editora, 2022

SPOSITO, Eliseu Savério; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. SOCIOSPACIAL FRAGMENTATION. Mercator, Fortaleza, v. 19, june 2020.

TUNES, Regina. Reestruturação produtiva e do espaço no Rio de Janeiro: uma análise regional a partir do Vale do Paraíba Fluminense. Rev. Tamoios, São Gonçalo (RJ), ano 15, n. 2, pág. 20-36, jul-dez 2019